

## A Entrega

Seguiu atentamente o vulto de homem ao longe com o olhar enquanto mascava uma pastilha de bolso. Devia ser Bubbalo, ou outra qualquer das mais rijas a julgar pelo som guinchante que saía pela boca amarela. Os observadores mais atentos podiam ver, por entre o abrir e fechar de boca, dentes e gengivas que não deviam ter intimidade com uma escova de dentes há mais de uma semana. Só tirou os olhos do homem já ele estava perto do carro e a abrir a porta. – “Fizeste a entrega?” – O gordo, acabado de entrar, acenou firme e afirmativamente com a cabeça.

Não falaram durante um tempo e olharam o escuro iminente.

O breu era desafiado por pequenas e ténues partículas de energia luminosa que se lançavam ao mundo. Vinham dançantes dos postes de iluminação pública que marcavam o início do praça principal. Os poucos transeuntes àquelas horas gozavam a luz que, apesar de parca, dava aos vultos propínquos alguma forma e leitura. O pior eram as nuvens, quais cântaros inclinados, vazantes rios de chuva incessantes. Os pingos pesados impossibilitavam uma visão desafogada, e pareciam não ser de pouca dura.

Apesar disso, a dupla não abandonou o posto. Tinham ordens para esperar até a encomenda ser levantada. Até lá, restava o convívio, para desprazer do magro, que não podia com o gordo. O que o enervava não era a presença rinoceronte no carro dele nem os largos dedos cobertos de

óleo de batatas fritas de pacote a tocarem no tablier, cujo odor deixava adivinhar serem de presunto. Enervava-o a presunção que o gordo transpirava a cada respiração ofegante, e a cada tresloucada história, claramente inventada à pressa e sem fundo de verdade. Saía itinerante da boca de lábios pequenos, frenética, consumida a cada palavra pelas suas bochechas adiposas.

(Puf)

O silêncio foi interrompido pelo som abafado, mas audível de um gás expelido em alta pressão contra o assento do carro no lugar do copiloto. O magro perdeu a paciência, abriu a janela à manivela e meteu apenas a ponta do nariz adunco de fora do carro de forma a não se molhar com os pingos de chuva. Estes continuavam a cair despreocupados e determinados pela altura do descuido. Depois gritou e obrigou o gordo a sair porta fora. Ele não refilou nem ofereceu resistência. Saiu e calou. Apressou-se a abrigar-se debaixo de um beiral de telhado de uma casa baixa e antiga. A sua sorte era a depressão na parede bem larga a acompanhar o comprimento da porta. Assim permaneceram apartados e sem estabelecer contacto visual: o gordo preocupado com a irritação do magro, e o magro despreocupado com o desconforto do gordo.

“Quanto tempo ainda vai levar? Quero ir dormir caraças.” pensou em voz alta dentro do carro, num tom impaciente. Acendeu um cigarro aparentemente despreocupado com o cheiro do fumo que ajudava a disfarçar outros odores que por ali passaram há pouco. A cada bafo, o teto mais escuro, a cada segundo os assentos mais

malcheirosos. O tabaco era o seu único consolo. E o corpo escanzelado, agora completamente estatelado no lugar do condutor respiraram aquele fumo até à última molécula.

O fumo já percorria com conhecimento e desfaçatez os caminhos que as rugas da cara cabisbaixa e cansada do homem adivinhavam. Lembrou-se que já fumava há mais de quinze anos. “Devia deixar de fumar” pensou outra vez em voz alta, mas desta num tom introspetivo e grave, tão profundo que pareceu ter estado guardado num recanto longínquo do corpo do homem durante anos, pronto para sair na altura mais adequada. Com o tom crescente veio uma determinação que de supetão o fez apagar a ponta acesa do cigarro, mesmo antes de queimar os dedos.

O perdão acabou por tomar o lugar da raiva, e o cheiro do tabaco o lugar do cheiro a podre, e o homem magro fez sinal ao gordo para voltar. O gordo apressou-se a entrar qual ovelha fiel que segue o pastor benevolente. Faltou balir de felicidade. Por trás da aparente presunção mora a insegurança e uma personalidade fraca, e ao lembrar-se disso, enquanto o outro entrava, o homem respirou fundo e esqueceu todos os pensamentos insultuosos que vieram ao de cima, alimentados pelo fome e pelo cansaço. Não falaram mais sobre o sucedido e assim se perdeu na memória dos dois o descuido.

À frente continua tudo mais que deserto, e os olhos dos dois estão agora fixados no ponto de entrega, famintos por movimento, ansiosos que alguém chegue e leve de vez a mochila. Ninguém vem. Ninguém aparece. E os homens fazem planos mentais para os ajudar a lidar com a perspetiva de

uma noite em claro. Têm comida e bebida que compraram mesmo antes de fazer a entrega da mochila, numa mercearia que por sorte estava com caixa aberta umas horas antes. Três bananas, três carcaças, três colas, e mais coisas... tudo em tercinas. *(Neste momento o leitor indaga-se acerca da divisão dos mantimentos representados na enumeração acima por um número ímpar, uma casa acima de dois – o número de homens dentro do carro – mas recordam-se que um dos homens é gordo e conformam-se).*

Absortos em pensamentos não dão pelo fim da chuva e pelo início do trinar agudo de um assobio, algures no ar, meio abafado pela acústica seca do carro. O trinar fá-lo o vento ao passar nas casas, nas janelas, nos postes, nos telhados, nos carros, na calçada portuguesa molhada, e no próprio ar ao chocar nas outras moléculas de ar até então estáticas. Estáticos estavam também os homens que começaram a sentir frio, daquele que se tem quando se está parado muito tempo, o que despoletou um passar de mão na roupa para gerar alguma eletricidade estática que os aquecesse. Primeiro nos braços, depois nas pernas, até passarem pelo corpo todo e voltarem a esconder as mãos nos bolsos dos casacos.

A chuva parou e um silêncio profundo instalou-se.

Nem na praça, ao longe, nem na estrada onde o carro estava parado se viam bichos: ratos, baratas, e outros insetos e vermes que vagueiam à noite pelas cidades. Agora que a chuva passou deviam aparecer à procura de um conforto noturno. Conforto que não têm durante o dia, em que permanecem escondidos longe dos olhares e dos passos

atarantados dos homens e mulheres que se apressam para os seus trabalhos. A ausência de movimento inquietava os homens que começaram a comer para esquecer a solidão que os esperava. Atacaram o pão, depois as bananas, com dentadas intervaladas com goles de cola. Inchou-lhes o estômago e começaram a sentir o desconforto a abandonar os seus corpos. Acomodaram-se nos assentos e descansaram os olhos à vez, sem nunca deixar o alvo sem vigia.

A cadência do vento mudou e adivinhou um movimento ao longe.

Os homens alertaram-se e esperaram ansiosamente desenvolvimentos.

Ao longe quem se aproximou a passos largos do local foi uma mulher alta e com um andar determinado. Tapava com um boné a cabeça e por cima dele tinha o capucho do hoodie preto que trazia vestido na parte de cima do corpo. Ao longe a cara era impercetível, mas percebiam-se, de relance, traços finos de uma cara jovem e com vitalidade. As pernas altas alargavam por dentro as calças de ganga slim fit com um desgaste intencional na zona da coxa.

Aproximou-se do caixote do lixo na praça principal, mesmo por baixo dos postes de iluminação, e tirou a mochila que havia sido colocada dentro do papelão, num daqueles contentores pequenos de reciclagem de bairro. Confirmou calmamente o conteúdo no interior da mochila e continuou na direção oposta, desta vez com um passo assertivo e a toque de metrónomo, num tempo *presto*.

Saiu do raio de visão dos homens.

O trabalho estava feito, prepararam-se para arrancar no carro, mas antes sacudiram as migalhas calmamente para os tapetes à frente dos assentos e puseram o cinto pensativos. O gordo apressou-se a dizer o que pensava no seu tom espalhafatoso:

“Não pensei que enviassem mulheres... ainda por cima tão novas para este tipo de coisas... e ainda por cima, esta era uma torre, nunca na vida passaria despercebida...”, o magro permaneceu calado uns instantes, ainda absorto na sua linha de raciocínio, e depois disparou de uma vez: “Não sejas machista que não te fica bem, estamos no século XXI, borrego! E em relação à altura dela, porque achas que escolhemos este spot? ...para não termos de nos preocupar em sermos vistos, olha à tua volta... Não se passa nada.”

E com esta tirada o condutor arrancou e perdeu-se nas ruas adjacentes à praça.

Autoria: Tiago Jerónimo